

Dólar cai 4,3% e fecha a 1,98

Mesmo sem intervenção do BC, cotação cai com perspectiva de fim de negociações com FMI

Marcelo Aguiar, Sheila D'Amorim
e Ana Paula Baltazar

RIO e BRASÍLIA

A cotação do dólar caiu ontem abaixo do patamar dos R\$ 2 pela primeira vez desde o dia 23 do mês passado. O dólar fechou cotado a R\$ 1,98, com queda de 4,3% no dia. A iminência de uma revisão do acordo do Brasil com o Fundo Monetário Internacional (FMI), que liberará a segunda parcela de US\$ 9 bilhões para o país e autorizará o uso do dinheiro para controlar a alta no mercado de câmbio, esvaziou a especulação com o preço do dólar. A nota do FMI acabou saindo no fim do dia.

A notícia de que o Brasil estava autorizado a usar os recursos do FMI para intervir no câmbio causou mais impacto no mercado do que as atuações que o Banco Central vinha fazendo nos últimos dias. Ontem, o BC nem precisou intervir. O dólar já abriu a R\$ 2,02, bem abaixo dos R\$ 2,07 da véspera.

Em dois dias, desde a posse de Armínio Fraga na presidência do BC, a queda acumulada já é de 7,9%.

A tendência para o início da próxima semana, na análise do mercado, é de que o dólar permaneça abaixo dos R\$ 2, mas a cotação só se estabilizará nesse nível se Armínio Fraga for bem-sucedido em sua primeira viagem ao exterior. Ele anunciou que negociará com bancos estrangeiros a retomada da oferta de financiamento para os exportadores brasileiros. Se houver sucesso, o país voltará a ter um fluxo de entrada de dólares e a cotação poderá até cair.

Juros no 'over' vão a 45% e BC toma recursos para o dia 12

As intervenções do BC no câmbio continuam provocando quedas significativas nas reservas internacionais. Na quinta-feira, as reservas estavam em US\$ 34,799 bilhões. Desde que começaram as atuações, há uma semana, as reservas perderam US\$ 888 milhões.

O BC levou os juros a 45% ao ano ontem logo na abertura do mercado. A taxa foi fixada em uma operação na qual o BC tomou dinheiro emprestado até o próximo dia 12. À tarde, um leilão de títulos do Tesouro Nacional confirmou a aceitação da nova taxa. Os papéis, que rendem juros prefixados nos primeiros oito dias, saíram a 44,5% ao ano, em média, e 45,04%, na máxima.

A confirmação dos juros em 45% ao ano para este mês fez com que as taxas dos contratos futuros ficassem praticamente nesse mesmo patamar. Os juros até o fim do mês indicavam ontem 44,95% ao ano. Os contratos que vencem em maio já começaram a ganhar liquidez e fecharam indicando juros de 45,78%.

Nem os bancos que emprestaram dinheiro ao BC a juros de 39% — portanto,

antes da puxada para 45% — deverão ter prejuízo. A perda deve ser amplamente compensada pelo ganho em outras áreas. O mais óbvio é com títulos públicos que já entraram no período de remuneração pós-fixada (ou seja, qualquer papel comprado em leilão há mais de uma semana).

— Hoje, 77% da dívida pública estão em papéis pós-fixados — diz o diretor da Unibanco Asset Management, Jorge Simino.

Ontem, o BC anunciou as novas taxas para os empréstimos de assistência financeira de liquidez, o redesconto. A referência para essa taxa agora passa a ser o equivalente à taxa Selic (os juros de empréstimos com lastro em títulos públicos federais), acrescida de 2% ao ano. Esse é o custo mínimo que os bancos terão que pagar para obter um empréstimo por até 15 dias úteis consecutivos. A taxa, entretanto, vai variar de acordo com o prazo do empréstimo e as garantias. O custo máximo para as operações do redesconto será a taxa Selic mais 10% ao ano. Até então, as taxas do redesconto eram calculadas com base na TBC e na Tban, que foram extintas.

A notícia de que o desemprego aumentou nos Estados Unidos em fevereiro, reduzindo a pressão para que o Fed (o BC americano) aumente as taxas de juros, impulsionou a alta de 2,84% da Bolsa de Nova York. O Índice Dow Jones fechou em 9.736,08 pontos, pela primeira vez acima da marca de 9.700.

Com o desemprego no nível mais baixo das últimas três décadas e a economia aquecida, o maior temor dos investidores é de que a demanda por mão-de-obra faça os salários dispararem — o que obrigaria o Fed a elevar os juros para conter a inflação. O aumento do desemprego reduz a pressão inflacionária. O desemprego aumentou de 4,3% em janeiro para 4,4% em fevereiro.

Bolsas brasileiras acompanharam alta do Dow Jones durante o dia

As bolsas brasileiras chegaram a acompanhar a alta do Dow Jones, mas a Bovespa cedeu no fim do dia, derrubada por um movimento de realização dos lucros e fechou em queda de 0,45%.

A Bolsa de Tóquio teve a maior alta em cinco meses, 5,01%, impulsionada pela queda dos juros no mercado japonês e pelo anúncio de uma *joint-venture* (associação) entre a Sony e a Toshiba. As duas empresas vão produzir um microprocessador que será o sucessor do PlayStation, líder do mercado de videogame. As ações da Sony subiram 6,9% no dia e as da Toshiba, 6,7%.

Os juros de longo prazo e o iene caíram em resposta à decisão do banco central local de inundar o mercado, o que levou os juros do *overnight* praticamente a zero. O BC local deixou 1,4 trilhão de ienes (US\$ 11,3 bilhões) em poder do mercado.



OPERADOR NA Bolsa de Nova York sorri ao constatar na tela do monitor a alta da bolsa: pressão por alta de juros nos EUA agora é menor